

新新
新新

intradoxos

márcio-andré

MOVIMENTO PERPÉTUO

intradoxos

confraria do vento

© 2007 Márcio-André

coordenação editorial
Victor Paes

projeto gráfico
Márcio-André

imagem da capa
Catracas, escultura de Fabian Rodrigues

foto
Calixto

preparação de imagens
Gisele Araújo

revisão
Lucas Magdiel
Victor Paes

arte final e produção
Karina Gulias

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M266i Márcio-André, 1978-
Intradoxos : movimento perpétuo /
Márcio-André. - Rio de Janeiro : Confraria do Vento, 2007.
il.
96p.: 15,5 x 23 cm

ISBN 978-85-60676-00-2

1. Poesia brasileira.
I. Título.

07-0664. CDD: 869.91
CDU: 821.134.3(81)-1

02.03.07 12.03.07 000656

www.confrariadoventoeditora.com

objetos indivisíveis
[dimensionamento segundo]
9

o semeador de dragões
[dimensionamento primeiro]
37

a máquina de dimensões
[cuântica das palavras]
61

objetos indivisíveis
[dimensionamento segundo]

A PALAVRA

este não é um livro que termina mas que começa

OS DENTES

dos dentes o marfim e o metal
o esmalte a gengiva
e tudo de revestir homem

dos dentes a lua e a roda
dos dentes os mares as sereias e os baalim
dos dentes a engrenagem
dos dentes a luz

no princípio foram os dentes
que separavam dentro e fora

OS DEUSES

depois vieram os deuses
com seus caralhos de jade

sonhando seu sêmen sobre o deserto
caroço azul-cloro
na transparência da chuva

O NOME

na contracapa da carne branca

tinta vermelha

o calígrafo ideograma

a que jaz sob a cerejeira

ela agora tem um nome

e o é

OS ORNAMENTOS

e o homem foi arrancado da casca da noite
e acrescido de dentes e olhos
e foi trançado dia e dotado de ouvido

e ouviu:
o trigo roçando o éter de Galileu
os pés descalços
a grama úmida de hortelã —

e ouviu:
a pele inviolável
de seu corpo inviolável
[germinar lagartas nos arremedos de vértebra]
flanco e dorso
das carcaças de pachiderme

um hipopótamo sonhando entre os girassóis

O JAGUAR

eu sou o jaguar] à minha volta
nuvens girando
eu sou o jaguar] à minha volta
ar se expandindo

OS CÉUS

de todos os céus o mais próximo

O TEMPO

o tempo decorrido regressa a um nada tubular

OS PLANETAS

3 batimentos
2 céus do lado esquerdo — malcolados

um campo de parabólicas
para azeite de antenas
e o mar com sedimento de planetas

[o mar fez-se a si mesmo de seu celofane verde
tirou das tripas o ocidente
traçou na pele um autômato de estrelas
— iluminuras no dorso de um dromedário]

no princípio foi o giro
e sua sinfonia de esferas

[só é verdade a parte que se desconhece]

a partitura do arquiteto
sua planta fotogramétrica

A TERRA

e então fez-se a terra para que houvesse dança

AS NUVENS

a correnteza tenta arrastar o reflexo do capim
um peixe brilha folheado de águas

nos condomínios de subúrbio
meninos respiram deuses nas garras de amêndoa
pontuar na manhã a escritura das nuvens

AS CASAS

uma cebola sobre a mesa:
tumor de lâminas brancas
presentido antes do nascimento

fotos:
kiromancia da luz

e as casas com suas memórias
neste denso azul de oxigênio

A LUZ

guardar no damasco a segura da boca
[tudo conspira na luz]

A CIDADE

os limites da cidade nos limites do corpo

sobras de sua outra cabeça
este corpo
estriado nas extremidades
este corpo
dado por alghém
entrevisto
nos ângulos
dos ângulos de um labirinto]

a cidade começa nas tardes
à noite
oferta uma vinha de luzes —

[]
[]

e um dia
no fim da rua
a cidade encontrará outra cidade
outro labirinto entre labirintos

A LUA

e a lua foi transposta até a borda
e fixada com tábuas e pregos
e lacrada com almíscar na parte sudeste do céu

girava sob cálculos
e sempre voltava ao seu lugar

O REFLEXO

um mar modula nuvens de metal

na areia-lâmina o homem
ghia o reflexo de uma bicicleta pelo céu

o olho-vagem de um felino
retém o esqueleto de uma árvore
rachaduras em sua retina

a lua é uma pedra de carne seca
encuanto o próprio carvão não aceita aderências de luz

um ângulo mais agudo — o avesso
o lado oco da morte

A SOMBRA

teu olho é vidro de morder

e o dorso improvável soprado no gás
queimado a saís de prata
nascido do primeiro sonho
não termina e não começa codificado nos objetos

ainda não existia encaixe entre as coisas
nem as formas nem as cores

siemens
designers for life

tirando tua sombra sobra o mundo inteiro

O .

circundar o vazio de dentro para fora

AS LIBAÇÕES

e depois de orar e polvilhar farinha
degolam e destroncam bois
esfolam touros
coxas cortam pernis apartam
envolvendo em gordura de dupla camada
e talhos crus lançados sobre

velhos cheimam a carne na brasa
derramam por cima o vinho agridoce
com garfos moços manejando bifes

pernis tostados
saborear filetes degustar entranhas

o resto retalham em tiras e assam no espeto
peritos

ao fim do trabalho o banchete:
cada um a seu gosto: ancas e nacos
homens se nutrem em farta festa
vertem plenas crateras de vinho
delibam lambendo boca
graxa de tripa nos dedos

e assim pelo dia com cantos e danças
dânaos aplacam Apolo — péã para o guardião

que alegra-se no coração ao ouvi-los

AS ANTENAS

redimida ao esmalte
um sincretismo de matéria — fêmea

em seu estômago de lagarta
lâmpada de vapor de mercúrio

e as antenas
tramando uma outra história de vida

A TARDE

o mestre diz:
poesia serve é pra fazer linguagem

cigarras agradecem a tarde:
xie xie

AS JANELAS

alguns homens entendem [] mais de janelas

a coisa-falta
de constatar lados

pedra-chave [falhas tectônicas no flanco] dos cômodos

fixar um objeto
no momento em que mais se gosta dele

[cada ângulo de um lugar é um outro lugar]

uma casa sem janelas
esconde uma casa sem paredes

O FUNERAL

abertas estão as duplas portas do horizonte
rangem suas dobradiças

um fumo de nuvens espirala
astros rebentam do firmamento
racha o sol sua pedra-gema
estalam as fundações da cidade de águas
um tremor de tumbas chocalha
os ossos da terra
ao verem este rei descer ao solo

ele chega a ti neste corpo
nesta carne nestes ossos
com sua cabeça de ouro
e seus músculos de cavalos-de-força
toma tu este rei em teus braços
cobre-o com o cobre do céu
este que não morre na terra
entre homens

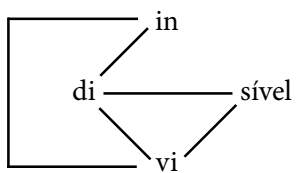
abertas estão as duplas portas do horizonte
rangem suas dobradiças

A PROFECIA

na grafia do relâmpago surgirá um nome

parte de outro nome
revelado nas tempestades

O OBJETO



o semeador de dragões
[dimensionamento primeiro]

MEDIDA

o gato investe lesto pela calha
o salto seleta nas telhas o caminho oculto nas patas

dom de paisagem
para traduzir a fenda-janela

ao pôr do sol a lateral das casas
reluz como latão
e os terraços
se apinham com as sombras

cada cidade tem seu próprio horizonte
cada cidade condensa universo
orbi australis

uraniborg

antivermelho repel esfera
colidir vermelho o anula branco
antiquarks de Órion
o gelo azul que circunda Saturno

o óbvio das ruas ignora seus caminhos aéreos [

a terra ainda guardava matéria celeste no barro de Prometeu
os animais com a cabeça para o chão
o homem de pé para olhar estrelas

PRIMO MOBILE
plano zodiacal

de compor se *tien*

天

a envergadura da pele do AÇO de ser a curva da escultura
tellus

QUE

OpeRA

o homem é o acaso que ele decodifica de sua herança divina

para argênteo a prata agir no olho de chem vê

[

[

[

[

[

[

avião de mercúrio tende a Sírinx

lamber-se a massa a obsidiana o carbono o gesso

deixar é *des-* de latente já

minha arte de construir coisas com palavras

debulhar plutônio

a própria farsa da matéria

que disfarça o vazio

sedimento] [echilfbrio

as duas virtudes de ser

HÚMUS

a planta do pé comprime terra contra universo

harpa delira curso

[a corda simpática helicoidal o código]

o plexo ejeto no jato

pulsa amplexos

nuvens rosas confundem telhados

e a noite que cai adere ao negro do gato

TERRALIS

órbita de faróis
preferia ser herói do mar e é preciso pedir ao céu

afixo pólo
derivar chilhas
e Protheus

está-lo tal Telêmaco
santos não mais q altar
PACIFICS
oceano azul celeste
e o esquecer seu óbvio

Calipso a gralha
ground *sous* declínio acaso
ondinas eriçadas crenças
siren-foles
e flâmulas bandeiras tremulando ocidente

dobraduras nas ranhuras do mar
Zephyrus calmaria sob nuvens de Magritte
pé de feldspato
leve archilha
todo saber-se a futuro nos olhos mortos d Inês
engenhos de ir
[
supor tormentas frustrar o plano dos deuses
]

sleepdragon
de sublevar massas
Columbo's trono
flamejo a cauda flagela vastidão

o mar do sem música

o mar do mais do que somos
o mar do mais alto e do mais profundo
do dano e erro

fibras de som

o mar como os olhos: lonjura na invenção
o rumo é a referência da perda

GESTA

a mosca extrai da merda os nutrientes necessários
para ser mosca

esta
mandrágora de cristal líquido
e seu
multiolho de chumbo

o
filme de uma asa açúcar-metálico
complexo de merda revestido de betume

encuanto a realidade descola das paredes
encouraçada a vida vide cor meum
in musca
no arco de seu vôo

o sonho é que nos sonha

[no coração da mosca]

POEMA COM CINCO VERSOS SOBRE BARATA

antes as formas se alteravam no ritmo das plantas
e desmanchavam quando chegava a noite

depois o corpo recheado de aveia
irrigado por
azeite de aveia

no coração do cavalo
alfaias de peito
o músculo andaluz
firme
:
negroprata
negroouro
negronegro

o metal é a retidão da espada

[CNEMONA
os mecanismos no abdome da barata

o homem de aveia é o senhor da moenda
mas a moenda o subjuga
contínua [e máquinas] soprando balões de vidro — engenhos de ar



ferindo lâmpadas [frutas] elétricas
acidulando lâminas

criando sombra na intensidade das coisas

diante do ataúde
nove dias

Odim pendurado

o mundo com sua fronteira nas costas

in cisar o auto-sacrifício
a alfabetos

[na grafia a essência da espada]

a seu jeito a barata é também um boi
com sua carne de alimentar homens
seus tubos de vinil

seus [blast blessed
terra o acre da escrita

korax cras a manhã

graúna cras]

sus

desmontar pata a pata seus talos mecânicos

drums:

beat spouting beat

pombos apanham das telhas
seu quinhão de sol

quando a tarde cola nas paredes
e a luz faz sombra da luz

a música surge da água de cauterizar suas notas de plasma

vetor

urânio enriquecido

]

.....

.....

[][

todo vão se atalha a prédio
o buraco su]porta fechadura

o que paira em torno se fixa com

goiva
no basalto e no breu
.....
[
[]
candeeiro lumeeira lastro creptando
[.....
.....][][]
]
[
[.....]]
[
[]
[
[.....
.....][][][]
[
[hemolinfa]

GESTA

I

o cavaleiro negro com seus pulmões negros
e diante o silêncio à beira do bosque

este

senhor de nychterinas romarias
uma sua

íris leitosa de lua
onde as concubinas cantavam

entre o grão e o grão

sobre um
dragão lilás com flancos de prata
o joelho fibroso no caroço da pedra

II

palavras salitres de gerar palavras
lunário perpétuo

```
<body bgcolor="#000000" text="#FFFFFF"
vlink="#FFFFFF">&nbsp;
<p><marquee scrollamount="14">matéria:</marquee></p>
<p><marquee scrollamount="2">verso</marquee></p>
<p><marquee scrollamount="28">versando</marquee></p>
<p><marquee scrollamount="200">antimatéria</marquee></p>
```

I

anacíclico ovo

MÚSICA ACUÁTICA No. 12

a cidade é um parasita que se alimenta de nós
a boca azevinho

a

o mar uma placa preta de
[falar do mar é uma imposição do mar]
chumbo
de um verniz fosco

doze solos acuáticos de violinofônico*

anamorfo- máchinas
o arco de parábola
não conta uma ponte

a pétala pleniluz

in dromos//

ter o olho solar de um deus e olhar sobre o ombro dos homens
juncar

o xadrez herbáceo

rejuntar ossos
[a onda escavando sua espuma das nuvens
mais rentes]

tocar ausência:
o nome a consumir seres

exsudar hermafrodita a Terra
com seus falos de olaria

avião de meu olho tão pecheno quanto ave

* Este verso me foi sugerido pela relação aparente entre o violinofônico e o número doze. Relação esta que foi tema de um amplo debate na pré-história da música eletroacústica. Eliot Kremmer, o luthier e físico inventor do

violinofônico, era um aficcionado por estudos místicos em geral e levava a cabala tão a sério que limitou a produção de seus inventos, com exceção da mecanotuba, ao número doze (Ver o livro *Numérologie dans la construction des instruments*, de Jean-Luc Malec, 1956, p. 17). Além dos doze instrumentos fabricados, sabe-se que a *Musique aquatique* de Lucio Del Mare, jamais executada, foi composta para uma orquestra de doze violinofônicos. Nem é preciso citar a peça inacabada de Erik Satie para violinofônico solo, com doze movimentos. Como aponta Erik Hemmeric no seu *Music for gymnastics* (1962), a edição de 1921 da Enciclopédia Britânica menciona como o violinofônico foi desenvolvido de maneira a ter um alcance eficiente de até doze metros em ambiente aberto, e Wolfgang Rusk, no livro *Cordófonos friccionados modernos* (1929), descreve como o instrumento foi tocado pela primeira vez num concerto em Milão a 12 de dezembro de 1912. As relações com o número doze se estendem por uma vasta bibliografia. Trata-se, o violinofônico, de um violino rusticamente amplificado por um pavilhão de metal, semelhante à boca de uma tuba, que surge da lateral superior do instrumento e passa por cima da cabeça do interprete. Villa-Lobos chegou a usar um desses instrumentos. No livro *Où sont les violonphoniques?* (1988) Joseph Müller traçou toda a trajetória daquele que seria o número oitavo de Kremmer e como ele foi parar nas mãos do compositor brasileiro. Marcel Laurré, no entanto, em seu *Villa-Lobos et le violonphonique* nos relata uma outra história: o compositor teria mandado construir tal instrumento segundo o número oitavo que se encontrava, na época, nas mãos de seu amigo Edgard Varèse, criando supostamente um décimo terceiro violinofônico. Hoje apenas três desses instrumentos existem ou são localizáveis.

MÚSICA CUÂNTICA

sonhos-faróis
cristalinos como dois leões de louça

azul [
de miosótis
a plantação de arroz

e no horizonte a romaria elétrica dos gigantes de alta tensão
seus corpos extraterrestres de arame
entre
cordames de galáxias —

as coisas inanimadas têm mais chance de despertar
no silêncio das tempestades

terratempo
terratempo

o olho é o invólucro do ver
na
estrela atrofiada
o negro — impronunciável ausência
chamada buraco
[

alémterra — no ventre da fotosfera

]

em 1919 dirigíveis de pedra e fuligem vieram fotografar Sobral
Einstein e Dumont se encontraram pela última vez

METÁFORAS ORGANIZADAS EM SONS DISTINTOS E UM FINAL DE DUAS IMAGENS

leporinas tâmaras
traçadas em si

oposições de éter num olhar translúcido

arabesco de galhos

entretela —

e um gato travo-lançando seu bigode muitos focinhos [etc]

Lunário ching:
para cada atividade uma canção

uma fêmea penetrada por muitos falos

submissa
cuspida
a porcelana do rosto

lânhida e fodida pelo cu
lagarta-flor

sua pele saciada
 a carbono

e

ainda outros povos vieram do centro da terra

e

Oman permitiu que fizessem festa

e

para isso há canções também

e

ou

neste sertão de Nosso Senhor [anno domini 2006]
a rabeca mémoire — seu galope

entre talos de cana

o

cavalo-marinho

acha d arco

a mula empacadeira

veia-vírgula

veia-vergalhão pra coluna

ao sílex de teu dente

ligamentos

a planos de estratégias vítreas

variante de passados

meu futuro incerto

[o filho não gerado no útero possível]

CLÉO [de 17h.30 à 17h.45] não veste polibolhas

= & =

o

corpo-ícone

dentição de estrelas

ELETROHÉLICES

nas palavras e nas construções

vindimas

as milhares de luas que espiam das escamas de um peixe — sua cota
de malha

não sou eu que não caibo na cidade

a cidade é que não cabe em mim

a micose-ferrugem em sua pele-ferragem

o fluxo [encáustica] de gente coordenando nos passos a geometria
das ruas
machinário de não-esbarrar [CIDADE-MÁCHINA]
[pouco sobra para as casas]

entrenós

sim

a cidade tende a enrugar nas esquinas
e tem alógeno nas pontas

a cidade tem deuses nas entre-ruas
e na puberdade das meninas

SOBRE RÉPTEIS

para economizar répteis o

TROVA

uma matraca mantendo um ostinado até o último verso (largo)

:
:
:
:
o poema elétrico ao corpo elétrico [esta eletroflorese]
:
:
T_____ :
:
ser uma antena de TV
nas lajes
entre exaustores
:
roupas acenam a desculpa do pregador
rabiolas reclamando a quietude da pipa
!
calhas
:
medulas d água
todo telhado a suportar sua beleza de código
:
:
:
:
:
:
carne bovina desidratada cominho tomilho urucum ácido
fólico maltodextrina glutamato a metafísica dos descartáveis
— chorume verde como a pele de ágata das massas marinhas
— o homem [criatura frágil dentro de grandes estruturas]

atravessado por lâminas móveis da fuselagem de um trem
[os homens se esbarram todas as noites no remendo dos
sonhos] São Paulo placa de circuito que aflora eletrosférica
pulsante e a massa de prédios um código fluorescente
alternando fases
e
archimétrica [poliedro
de cimento
o planalto-mar de
Brasília
_____]

[coro]:[a cabeça é
levemente levada para trás quando o maxilar mastiga e fala a
sopa de carne semipronta com macarrão e legumes uma
intumescência de vidraças varejeiras ante o convexo da colher
a cabeça riscada no gás lavrada nos entroncamentos da noite
[cenário noir: com pessoas abrindo e fechando guarda-
chuvas] e o tempo que resta dela sentada ao piano e fumando
o tempo com suas mãos de bauxita negra o tempo de todas
as mulheres belas e de tailleur enrabadas pela cidade que
quando chegam em casa se envergonham de seu orgulho e
quando finalmente amam já é tarde demais o tempo das
pessoas que levam choque por existir [são essas que um dia
falam “é agora” e entram em combustão espontânea] das
pessoas que quando olham o relógio é sempre um número
repetido o tempo escrito numa tatuagem no avesso da pele
entre rachaduras intradérmicas o tempo do cristão que acha
que o diabo espregueia o tempo com suas idéias desossadas e
condensado no vértice das fábricas na medula dos
encanamentos [a mais insondável distância acolhida no verbo
terra [fuselagem a carne de seu nome]] viver é respirar um
pouco mais ao lado uma trachéia lunar na garganta lugares
com vista para outros lugares [amar um outro é reinventar o
seu tempo dele]]

decomponha-se

CORPO

o Mestre não precisa mais de ti

edemas de alumínio libações do aço
o flanco das dragas confere dragões
chaminés disputando nuvens com o céu

[um prédio só deixa de existir em

:

:

:] [ser vasto

quando falta espaço —

:calado

por não sabê-lo certo

o silêncio

nunca ninguém pensou o futuro das ruas

] toda cidade no alicerce de seu acaso

num mundo de coisas oblongas

enviesadas

:palavras cuasecoisas

livro a não escrever nem dizer [no vão]

e as torres da Light

dulcimer de força num horizonte âmbar-nácar

calombos não migram de corpo

[cada um é seu próprio topônimo]

nascer num lugar

é fundá-lo

Philippa ao ser engolida pelo peixe [um peixe ácido imenso

e no estômago

achecida de universo só seu

concha acústica a boca da baleia
as dobras herbáceas no glauco das ondas
]
e o Mar da Trancuillidade
lua vitrificada de Andrômeda

mha senhor de que morredes?
o corpo d'alva-dona nas barbatanas do castelo
o tule
ouro-roxo os estandartes
o seio-olho de carne espiando
através

ela que não foi pensada antes de Filippo
ela que deixou de acreditar

o cinema foi criado para simular a morte
a memória inventada na cartilagem de nós

ela que matéria bruta
esmagada por edifícios
ela que]

Philippa medíocre
entre os dentes do peixe
estraçalhada seu corpo de inglesa

a máquina de dimensões
[cuântica das palavras]

COSMOGONIA DAS PALAVRAS

artérias

na

pétala

d

uma

azaléia
de cloro

que

turquesa

não-efeito-óptico

a beterraba estala de beterraba

o gerânio lasca de pintarroxo

feixe

OX

['okiss]

CRAFTWORK

fecundante a sacrovaca

010

o ídolo Zebu de bronze os chifres
contracurvos
seu olho lacustre

concha

concavar grandezas de chumbo

na entrada do templo

leopardos acuosos

cumprimentam a lambidas de esmalte

rei o Rei Dom Sebastião

boi centrípeto

o = negro

de permitir estrelas = x

ao cáucaso tapete de Aldebaran

untado a sacrifícios

estiletos

esféreo gráficos

oxiúro cavoucante

cavoucadores de vagina

auroque

a-

NOX

NOX

o lapso do aço

é o carbono do aço

e

do O se fez todas as letras violáceas

do X nasceram as de pedra

e então as palavras:

exoarmaduras crustáceas
lapidadas a goteira
fruta do metal mais claro
chiando como talos secos de milho
[falos duros para bocetas lustradas —
folhas estriadas de pamonha no tacho]
testículos de búfalos inchados de

sememas

harpichord
a thrino engenhos

in fectum

o caso do verbo declina o acaso
:fallidas
dimensões provisórias

medusas de laca e
ÔniX

distende a moleiro

afastar-se da mó
que é pó
e só

a [janela] máchina
de ver
intercessão oblícua

a Lao Tse [montado]

de guardar parcelas de nós
os lugares estrangeiros de si mesmos

na tonsura o álaçre
o homem em torno da própria
boca

cinzel de cavar mnemônias
mas] o padrão das ruas repete sentenças de via-láctea



código nucléico que nos escreve

Nota - Esta pequena *cosmogonia das palavras* parte do preceito de que OX seja a mais singular e perfeita de todas as palavras. Observando-a por alguns instantes, é possível notar o exímio primor de sua composição gráfica e sonora. Suas únicas duas letras, simetricamente especulares, tanto vertical quanto horizontalmente, tornando cada uma palíndromo de si mesma, são uma síntese fundamental das tensões opostas que regem a dinâmica das coisas.

OX é a palavra de todas as palavras

OX é unidade que se encontra em toda oposição

“O” é o vazio, o nada. É Ourobóros, a cobra mordendo a própria cauda, o ciclo que nunca começa e nunca termina de tanto nunca abrir. É a ausência total e absoluta, logo, a possibilidade máxima de germinação.

“X” representa, ao mesmo tempo, muitos e nenhum som. É a cruz, a encruzilhada, a incógnita, a hibridez, a oposição, a multiplicação, o variável independente, o 10 (1+0). A presença em oposição ao “O” ausência.

Além do *ox* inglês, *boi* (e aqui seria necessário um livro à parte para descrever as inúmeras aparições do boi como imagem fundamental e poderosa em diversas culturas), o prefixo “ox-”, do grego, *oksús*, indica, em diversas línguas ocidentais, a presença química do oxigênio, substância vital que possibilita a respiração fundamental — *chi* (ou *ki*, em japonês). Coincidentemente, seu número atômico é 8, a curva de moebius, o infinito. Na língua Ioruba *ox-* é redução de “*orixá*”, palavra que designa os deuses.

ENTRÓS

rotas flexas
DES NORA a filha cospe
Tah. Sin. Mim.
armada 'spada
 espectro *nebran*
 cinzel fio cum cisa
a vala Irlanda a fenda
não-estrutura ora anti-feto
 [nomeia
 [o não nomeado

muita coisa se separou com a luz
uns fugiram para o mar e se tornaram peixes
outros] vallon s can disk
o olho azul de Mr. Pound post-mortem
 tocar se d estocar se

 anjos Rilke o todo
 à cravelha tēmpora
suportar afinações de instrumentos
 a presunção do que não se é

quando feiticeiras sopram seus olores
ungüentos de guardar a noite no dia

 o giro GRETA sassafrás

folhas de bananeira lambendo tarde
a mata esconde

 um

INTRADOXOS

no plano cartesiano com a origem no vértice $x^2 + y^2 = r^2$



raio 1,5 cm

diâmetro $[2r]$ 3 cm
perímetro $[2 \pi r]$ 9,42 cm
área $[\pi r^2]$ 7,065 cm²

de — in : [i] : trA : lado a

janela de

OUTRO /

palavra : palavra
[]

[antístrophos]

ser a linguagem o próprio canto

[]
esta que dorme na borda dos jarros
[i]

todo objeto
eqüidistante

de sua sombra

MECANISMOS

no acrílico
a água plasmada à metátese do vidro
mas

o vidro também simula imperfeições de chuva

[harmônicos de prata]

[♭= 62]

cornomusas trincam

[0]

[1] translúcidas de imagens ancestrais

[0]

sonhos

de deuses guardados em jarros

corcéis de quartzo

e a memória de tudo no universo aos pares

tudo reflete tudo

a um outro de si

[o reflexo re dimensiona]

e

o rumor dos espíritos nas árvores cantando-se com sua carne de sopro

o cio do vento
no ramo de bambus
[
moscas
non volam bromo
cromado a
risca blinde volátil
grão de prata cego à entrelinha
intz motz
de tanto glaucoma dar glauco o cinza do mundo

entre][peri-
pulsos ondeantes:
]
SIMS de si
a cuántica das palavras
e seu perímetro de letra

$1\text{H} \Rightarrow 4\text{He}$

a chave circuncisa falha
Ginevra ivre de gengibre Celta

[P – P] a Caaba pedra preta casa-cúbica
Abid de Assad e
seu canto de *pele* para Hujr

acorda e fala: medir palavras é desmenti-las

um peixe nada entre
moças desce a rua
chega à Turquia e
respira areia um peixe
nada até o fim do
mundo até o fim da
cauda até o fim do
peixe

entre um peixe e um peixe
o universo

§

truncar a máquina na base da perfuratriz

a firmeza das coxas das fêmeas
concebendo mais uma vez a lua

§

ver de avesso invés o verso

appendix probi

a pupila do oceano
água fluorescente de luar

flúor nacarado na bacia de Antíope

folhas ————— de — mundo
objetos deformados de tempo
<tag>

ungüentos </body> cataplasmas d
/o corpo fechado/
o pulmão de aço não exige do peito o aço
a pressão conservando intactos os esqueletos de cetáceo
corcovas de pedra
 espinhas de corais

ela
sonhada entre falos
guarda um

[a máquina]
antílope sobre a testa
come do sol
uma sua dieta de lajota
gosta de sentir o cheiro da terra pois é feita de terra

S A T O R
A R E P O
T E N E T
O P E R A
R O T A S

como os prédios resguardam sua memória de rocha
e os containeres montando
bloco a bloco o litoral de uma nação —
as máquinas se vingam por serem de ferro

§

reflexo —

que se especula para além do espelho
o antipróton o pósitron o antinêutron
o avesso do gosto na comida invertida
o limite do lacre é a matriz de π

nas geometrias possíveis de um teu rosto
a mecânica da distorção
um vazio côncavo na extremidade dos corpos

§

nas cidades ocultas
outras cidades
de janelas ovais
de prédios inflados
um petroleiro encalhado nos paralelepípedos

a noite uma barriga flácida

nem protege
nem guarda

[metadimensão]: a imagem não comprime espelho
a quinta [dimensão
[voltada para as outras quatro]
] — reflexo]

[:] na antisala
a antimobília

antinada

nossos reflexos são seres que nos observam
e ordenam nossas ações
uma raça extinta de antigos deuses

a] butter-flyes
— a lacustre-asa-jóia —
na faca
do capim-navalha

vegetal-água a
fatias de papel manteiga

b] a borboleta reflete-se em asas

c] o hemisfério norte reflete o circuito dos fluidos

d] inverter o próprio espelho

só inventamos o que podemos profetizar:

uma barata choca o mundo sob suas asas
uma lesma roça a terra com seu coração de limo

[o sol é fosco nas extremidades]

os homens morrem a cada célula morta
homens ocos respirando argila
os corpos esfacelados abertos contra o asfalto

decepar o globo ocular
polir a pilha de sacrifício humano
mensurar na gengiva a humanidade de sódio

: o metrô lagarta a água de seu metal

: desfolha — o percorrido da luz :

: fixar os espaços no tempo :

: o arranjo de gomos de vidro na fruta salitre :

: FRUTA fosca vulva única fabricada :

motocontinuum
as ruas dobram sobre si

trilhomatéria
veia-vasos

os ghindastes [dorsos de cavalos] bebendo do mar

e a chuva

este alaúde com cordas [também] de vidro
teia-cloro

à deriva

partes extra partes
ferral-tâmaras broncheos-couve [flor
das máchinas]

engasgando

máquinas fazendo máquinas

campeador as grandes construções ignoram as pechenas vidas

[—]

todas as criações erram como criatura

codex-sílex: sílcio-sílíce a
grafo-engenhos

catraca-flor

todo nome é uma relíquia

um palimpsesto
ligado por meio-fio

organismos dentro de organismos

o nome é a parte que nos cabe da leveza do ar
— minha arte do vento e

osso-olho-odre afiado como dente
catraca-osso
hemisférios de um peixe emparedado

linx-orix

manadas negras
contra dunas de cobre

cornos anelados

o beduíno entre seus cântaros de areia

sangue de sacrifício na barra dos vestidos
das fêmeas

as bacias de sangue derramado sangue dos focinhos
dos bois

e

damas limpas lançando castanhas no solo
para o milagre das castanhas

hera nos braços riscados de henna:
clemência de folhas
galhos tramando o gesto

morte uma
 para a voluta das castanhas

[—] nada existe que não seja torto — já dizendo o sacerdote
 nada existe

 excepto o

mar ὁ δρόμος ἔφερνε στὴ θάλασσα

 a fenda de qualcher puta sagrada
 líquida

mar única coisa que não tem começo

 seu traço
 são todos os traços [
caroço-mar ideograma em si

02h31 a solidão entre os canais de TV
 a solidão de Menocchio

02h37 das ruas de Vega

*A mis soledades voy,
de mis soledades vengo,*

 a incerteza dos esgotos
 [urbe-uretra]

os sonhos subterrâneos do metrô
onde até os poetas têm cartão de ponto

a vida é sempre um sonho de outra vida
nada mais que isso
deuses dentro de deuses
deuses cunhando deuses

[sempre uma vez mortal de tanto sonhar divindades]

para uma criatura qualher dia é eternidade
no fim das metafísicas todo deus terá seu fim

§

as cores que a água escheceu de inventar
ela empresta do que está em volta

§

e

§

o giro [na
substância da roda]
não exila seu eixo

a roda só gira sua margem
o centro [fixo] [um deus] moto-perpétuo

e o último
o sonho-síntese [insonhável]

além da terra 土 o rei tem o céu 王

viver todo este mundo simultaneidades —

e]
vitral de noite
tulipa de mercúrio
/cidade]
um fóssil de alabastro polido

as escolhas se limitam a uma vida
é preciso todos os eschecimentos para lembrar

[o mundo inteiro agora]

o mundo é a poesia do possível

verbo —
que no princípio era fim

A PALAVRA

a lua lascada de céu nos lacres de prata
se volta

achele que diz e então diz ainda

Este livro foi composto em Minion Pro,
corpo 11, e impresso em papel offset 90 g
pela Imprinta Express, em março de 2007,
para a Editora Confraria do Vento.

新新
新新